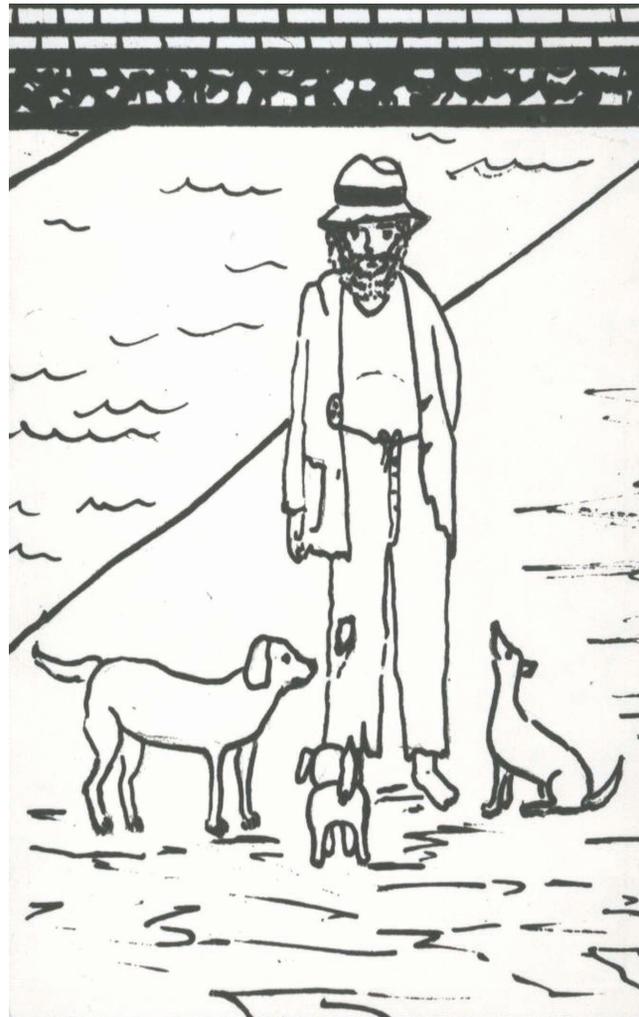


A Epiderme da Alma

Arary da Cruz Tiriba



Aos 40 anos, antes de estacionar na prisão, fora morador não propriamente de rua, mas de ponte. Ponte, a sua catedral. Carandiru, o seu domicílio último. No presídio, de cócoras e apoiado à murada, parecia um ermitão. Como

cenário, paredes pichadas. Mudo, impassível, impenetrável em sua solidão! Por isso, quando ocorreu a mudança repentina do seu comportamento — passou a agitado, estranho, inquieto —, despertou a atenção da guarda, a qual deter-

minou sua imediata remoção para a cela de isolamento, a famosa solitária. Contudo, a inquietação se manteve, daí o encaminhamento, com escolta, para esclarecimento no “Emilio Ribas”, hospital em que o atendi.

Tratei de tranquilizá-lo a fim de ouvir sua história. Estava preso há um ano, sete meses e vinte e cinco dias. Há seis dias, tudo mudou. Dores, sensação de morte ao engolir; a escovação dos dentes e o banho de ducha provocavam-lhe violento “choque” que o fazia agachar-se, cheio de pavor. Não conseguia pregar os olhos, que permaneciam acesos; nervoso, reagia com tremores ao ser tocado; faltava-lhe o ar; tinha vômitos e evacuações dolorosos; preocupação pela falta de remédio curativo; passou a ter fantasias (bonde, caminhão, estrada etc.); enfim, “vida de cachorro”.¹

— Como eu vivia antes de ser preso? Ora, embaixo da ponte. Não... sozinho, rodeado de cachorros.

— Você vivia com cachorros? Por quê? Que tipo de hábitos você tinha com os animais?

— Porque sentia falta do calor humano. Minha família me abandonou; então, eu alimentava os cachorros boca-a-boca, à maneira de beijos; os cães vinham comer na minha boca, mas não fazia por sacanagem, não, doutor. Só pela falta que sentia dos meus...

— Você conhece a doença de cachorro?

— Conheço, sim senhor, doença que não tem jeito.

— De tudo o que você contou e que dói, o que o faz sofrer mais?

— Quando urino, doutor, elimino (a voz baixa, cheio de vergonha) verme doutor, o que me faz sofrer.

— Verme? Que sai na urina?!!! Descreva o verme?

— Sim, doutor, o verme, a porra...

Surpreso, traduzi o “verme”: espermatorréia.

No período de reclusão não fora mordido por nenhuma espécie de animal (cão, gato, rato, morcego etc.). Dedução: sua infecção fora adquirida há um ano, sete meses e vinte e cinco dias, ou antes do período. A essa altura, estava esgotado pelo interrogatório.

Não indaguei do motivo da condenação. Algo me dizia que deveria ter sido apenas infração, pois não tinha o perfil da crueldade. Admitido às 16h, o ex-morador da ponte, o ex-presidiário, morreu poucas horas após, às 23h do mesmo dia. A autópsia confirmou a suspeita feita em vida: raiva, hidrofobia.

Caro leitor, duas perguntas: ainda que desorganizado — orgânica e mentalmente —, legou-nos, o excluído, algum exemplo? Esse caso tipificaria a doença terminal? Você com a resposta...

O morador da ponte não apresentava a giba, mas, ainda assim, figurou-me o Quasímodo² e Notre-Dame de Paris. Em minha limitada cultura literária, ambos tinham alguma semelhança! A propósito, o romancista histórico francês, Victor Hugo, autor do drama catedralesco, foi quem cunhou a expressão: “o pudor é a epiderme da alma”.

¹ As queixas correspondem à insônia, hidrofobia, aerofobia e às alucinações.

² Significa pequena Páscoa, pascoela, o domingo imediato à Páscoa. A palavra se generalizou em várias línguas para designar feiúra fora do comum. Na eleição do papa dos loucos, Quasímodo foi o distinguido.

Arary da Cruz Tiriba

Médico Sanitarista, Professor Titular (Aposentado, em Atuação Voluntária) da UNIFESP/EPM, Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo e um dos Dirigentes da Sociedade Brasileira dos Médicos Escritores (SOBRAMES-SP)

O Inquérito Policial

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

— Doutor delegado, eu sei que alguma culpa eu tenho, já falei com meu pastor. O senhor sabe, o negócio é ser católico: a gente apronta, apronta, confessa e ganha do padre um castigo, como rezar uns padre-nossos e umas ave-marias, e está pronto para outra, assim é bom. Nós, evangélicos, não somos assim, a gente assume nossos erros e somos julgados pelo Senhor pelo balanço de nossas boas e más ações. Se bem que meu pastor diz que os justos já estão escolhidos e, se for assim, a gente não precisa se preocupar com nossos atos aqui, porque o destino está escrito — ou isso é coisa de muçulmanos?

— Desculpe, doutor, o senhor não está interessado em teologia comparada e, se eu bem entendi, o senhor é da umbanda. Como é que pode um homem instruído como o senhor, e ainda por cima branco, envolver-se com essas superstições de africano?

— Doutor, desculpe de novo, é claro que não sou racista — ficar ameaçando-me com a Lei Afonso Arinos, francamente...

— Doutor, eu sei que o senhor é autoridade, que o senhor manda na sua delegacia e que faz aqui o que quiser — eu não estou arrostando o senhor, seja lá o que for isso. Para ser franco, nem comi o arroz que me deram no almoço, estava queimado e deve ter sido feito com óleo diesel.

— Doutor, eu sei que a comida aqui não é por conta do senhor, mas, sim, da Administração Penitenciária, e imagino que tenha gente ganhando por fora, prometendo filé mignon e entregando osso com cartilagem.

— Não, não estou falando do senhor Governador ou do senhor Secretário, imagine só. É que sempre tem o pessoal que sobrou do governo anterior, aquele bando de malandros.

— Sim, senhor, não é a hora e o lugar de discutir política, eu entendo, o senhor desculpe-me, é a terceira vez que eu

peço desculpas, o senhor leve isso em conta. E segundo o pastor, Deus é quem coloca alguém no governo, então a gente deve obedecer ao governo sempre, porque se alguém governa é porque Deus quer.

— Bem, doutor, já que o senhor quer que a gente vá ao assunto, o negócio foi assim: eu fui voluntário para estudar uma vacina contra a Aids. Eles queriam voluntários solteiros, com vida sexual ativa, tendo entre 20 e 30 anos, e eu sou tudo isso.

— Não, doutor, de onde o senhor tirou que evangélico é assim? O pastor diz que a gente só deve transar depois de casado, mas eu juro que vi o pastor saindo com uma dona muito boa, que, com certeza, não é o “canhão” da mulher dele. Castidade, doutor, fidelidade: nem padre consegue, como é que um moço como eu, com aquelas vontades que o senhor conhece, vai ficar sem... o senhor sabe, sem... ainda mais com esse monte de mulher que anda por aí, louca para dar.

— Claro, doutor, eles deram a vacina e deram uma au-linha de cinco minutos quanto à necessidade de tomar os devidos cuidados em cada transa, nada de novo. Só não deram camisinha.

— Não é caro para o senhor, que ganha bem. Para mim, trabalhando sempre sem registro e recebendo o que eu recebo é caro pacas — o senhor me desculpe o português.

— Pois é, doutor, então eu senti firmeza — se os gringos estão estudando a vacina é claro que ela funciona, senão nem experimentavam, não é? E como eu falei, camisinha tá caro e, às vezes, na hora de pôr a coisa murcha, e quando a menina não ajuda a gente passa vergonha, nunca aconteceu com o senhor?

— Pô, doutor, mil desculpas, eu não desejei ofender o senhor, se o senhor diz que nunca, é nunca, não está aqui

quem falou. Mas voltando ao assunto, depois da vacina eu comecei a transar sem... eu tinha certeza de que estava protegido.

— Sim, eu sei, loucura não é, mas fui fazendo e peguei uma menina... doutor, que peitos... que bunda... que delícia na cama... Eu bem que notei que ela tinha uma marcas no braço e ela contou-me que usava drogas, mas de vez em quando. Vacilei, doutor, sei que vacilei.

— De graça? Não, doutor, putíssima, saiu-me uma nota, sem falar do presente que eu ganhei dela.

— Pois é, doutor, duas semanas depois surgiram febre, dor de garganta e senti-me fraco. Fui ao médico e depois de um monte de exames, ele me deixou acachapado: Aids aguda.

— Sim, fui falar com o pessoal da pesquisa e aí caí em tentação. Tinha o doutor que deu a queixa de mim, um cara todo cheio de empáfia, que me atendeu com má vontade, disse o que eu já sabia, que tinha arriscado, chamou-me de bobo e mandou-me para o serviço público.

— Não, o serviço público é ótimo, nem parece serviço público. Ih, doutor, desculpe, o senhor é funcionário público, mas o senhor sabe...

— Aí, doutor, eu fiquei muito puto da vida, o senhor desculpe-me o palavrão, com esse cara. E eu fiquei com tanta raiva e quis me vingar.

— Não, doutor, eu não sou violento, mas não sou como Cristo que perdoou quem lhe fez mal, eu não sou Jesus, sou humano, então eu fui procurar a menina que me passou — eu sei que foi ela — o vírus.

— Não, doutor, eu não disse nada para ela — que diabo, ela me passou a doença, que se vire para tratar e, se descobrir, que “vá pro raio que a parta”. Mas eu ofereci pagar o preço dela para um amigo, inventei que era despedida de solteiro e falei para ela fingir que estava com vontade de dar para o cara. Aí eu mandei que ela ficasse na porta do consultório do cara, o tal doutor.

— Sim, doutor, ele insistiu em usar camisinha, mas aí eu tinha falado para ela que tinha que ser sem, e ela transou uma vez com, deu uma mexida lá em baixo, que ela sabe como é, tirou a camisinha do cara e lá foi.

— Não, doutor, não foi uma vez só, isso me saiu uma nota, paguei para ela transar umas dez vezes, pelo menos, incluindo “dar o rabo” — sem camisinha sempre que possível. E o cara caiu.

— Ah, ele também pegou Aids? Pois é muito bem-feito. E o senhor sabe, ele deu queixa de mim porque eu sou tolo: a menina é viva e resolveu cobrar dele também. Falou para ele que eu era o cafetão dela.

— Sim, doutor, foi aí que ele me “traçou”. Agora vamos ser francos, que raio de crime fiz eu? Quem passou a doença para ele foi a menina, e ela não tem culpa, pois acho que ela não sabe que tem o vírus.

— Tem uma lei contra exploração de lenocínio? Que diabo é lenocínio? Mas, doutor, eu não cobre nada da menina, só paguei: acho que essa acusação não pega — ou tem alguma lei que proíbe pagar sexo para outra pessoa?

— Pois é, consulte a lei, eu acho que não tem.

— Doutor, se ser sacana fosse contra a lei e desse prisão, não teria prisão suficiente neste nosso Brasil.

— Quer dizer que estou solto? Obrigado, doutor, eu sabia que o senhor ia entender. Muito obrigado, doutor. Muito obrigado.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak
Médicos e Professores Universitários

Mario Mauro Graziosi

Jorge Michalany

No dia 29 de junho faleceu Mario Mauro Graziosi, um dos meus melhores amigos e quem me ajudou a organizar o Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina. Ao dizer-lhe que eu planejava estruturar o museu com painéis iconográficos das matérias médicas, não teve dúvidas em imaginar os modelos. Para isso, acompanhei-o até uma agência do Bradesco, na qual havia uns painéis que poderiam ser adaptados ao museu. E assim, no dia 18 de outubro de 2002, com sua presença, foi inaugurado o museu. Ademais, foi ele quem patrocinou a execução do painel “Alguns Médicos Brasileiros de Origem Italiana”, tanto que se lê no cabeçalho: “Patrocínio do Arquiteto Mario Mauro Graziosi”.

Além de arquiteto — fez, inclusive, a reforma da minha casa —, era um exímio desenhista e caricaturista, comparável ao imortal Belmonte. Em meu livro, *Fatos pitorescos na vida de um médico paulistano*, estão gravadas duas caricaturas, uma sobre meu sucesso na carreira universitária e outra a respeito de minhas duas paixões, a anatomia patológica e a ópera.

Ao lado de seus pendores artísticos e do domínio da língua portuguesa, conhecia o italiano, napolitano e latim. Enfim, Mario era um *Largo al factotum* das atividades humanísticas e, sobretudo, da bondade.

Eu admirava também o respeito e afeto que os filhos tinham por ele. Em uma época em que os filhos cumprimentam o pai com apenas um “Oi”, os filhos de Mario beijavam respeitosamente sua mão, tal como se fazia antigamente ao pedir a bênção do progenitor. Católico praticante e devoto de São Judas Tadeu, tenho a certeza de que Deus o acolherá ao lado de seu Santo.



Jorge Michalany

Curador do Museu de História da Medicina da APM

Carlos Lébeis

Paulo Bomfim

Comemorei com a saudade o centenário de nascimento de Carlos Lébeis, o tio que plantou no coração do sobrinho a semente da poesia.

Nos 40 anos que viveu, deixou pelo caminho um rastro franciscano de simplicidade e de sabedoria. No depoimento de seus amigos Roquete Pinto, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes e Mário de Andrade encontramos o retrato daquele que fez do coração albergue para as dores do mundo, pátria lírica dos grandes cantos de amor.

Vindo da escola de Mello Matos, tornou-se uma das maiores autoridades nos temas relacionados à proteção da infância desvalida.

A convite de Sylvio Portugal, organizou em São Paulo o Serviço Social do Estado, que funcionou a princípio no último andar do prédio da Secretaria da Justiça, no Pátio do Colégio, e, posteriormente, no velho casarão do Senado, na Praça João Mendes.

Dos jovens advogados que acompanharam Carlos Lébeis em sua cruzada de redenção dos desamparados, assinalo, entre outros, os nomes de André Franco Montoro e de Nelson Pinheiro Franco. Nesses dois discípulos e em seu filho, Fernando, o semeador teve seus gestos perpetuados.

A obra social e a obra literária de Carlos Lébeis precisam ser lembradas. No caso da literatura infanto-juvenil, *No país dos quadratins*, ilustrado por Portinari, e *Chácara da rua 1*, clamam pela justiça de uma reedição. Os “quadratins” nunca saíram do poder, e a evocação da chácara do avô Carlos Batista de Magalhães, em Araraquara, onde minha mãe, meus tios e primos passaram a infância, é das mais belas evocações do tempo em que morou na travessura das horas fugidias. Alguns de seus poemas foram publicados por Dante Milano, na *Antologia de poetas modernos*, em 1935. Os outros, assim como *Cafundó da infância*, ilustrado por Anita Malfatti, permanecem inéditos.

No início do novo milênio, o octogenário pára em uma esquina do universo e pede a um moço de 40 anos: “A bênção, tio Carlos!”.

Paulo Bomfim

Príncipe dos Poetas

SenSchualidade

Miguel Francischelli Neto

O trem sacolejava devagar, como um balé mecânico, acompanhando a repetitiva sinfonia dos metais que rangiam. Parecia incorporar ao seu movimento a melancolia da velha cidade, que já se aproximava. Aquela terra ainda sentia, vivas, as cicatrizes do grande conflito que havia terminado — a barbárie, que depois seria conhecida como a Primeira Guerra Mundial.

Corria o ano de 1918; nos vagões, os atingidos pela guerra, que sentiram as perdas na carne e no coração, procuravam agora aquela cidade. Viena ainda parecia ser capaz de devolver a vida normal àqueles sofridos homens e mulheres, involuntários personagens da triste história dos conflitos entre os humanos. Reserva cultural e econômica de um vasto poder, Viena — e o agora pequeno território austríaco — era o que sobrava do grande Império dos Habsburgos.

Em um dos vagões, dois jovens que não se conheciam estavam próximos e contrastando com a tristeza que se via à volta, mostravam a resistência e a inquietude sagaz daqueles que eram inteligentes.

Egon tinha 28 anos, sentia-se à vontade no trem que sempre conheceu muito de perto. Seu pai era ferroviário, e também o seu avô. Cresceu perto daqueles sons. O trem parecia pertencer à sua família.

Wilhelm era mais jovem, tinha 21, olhar penetrante, curioso, voltava agora para a universidade, na qual estudava medicina.

— São interessantes seus desenhos — disse Wilhelm, enquanto apontava para uma grande pasta, cuidadosamente depositada sobre o banco vazio ao lado de Egon, e que deixava entrever algumas aquarelas.

— Veja-os — disse Egon, revelando o contentamento dos artistas quando vêem sua obra observada.

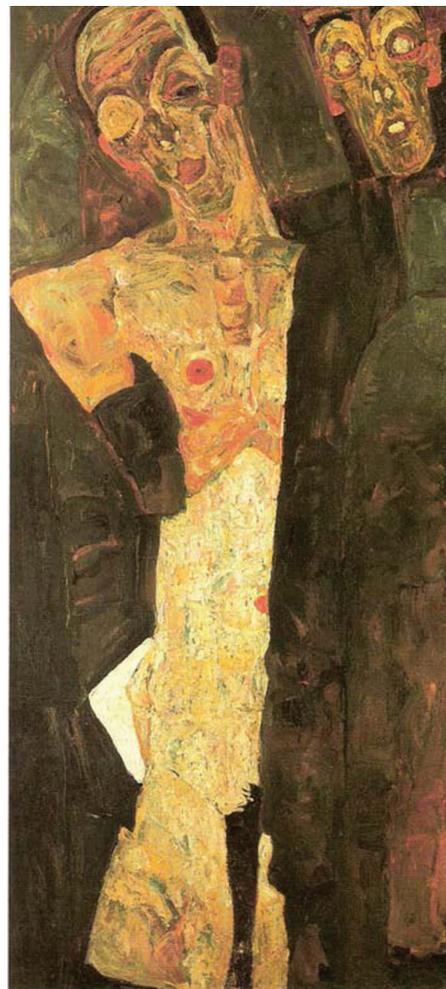
— São diferentes de tudo que já vi! — exclamou Wilhelm, visivelmente interessado.

O Danúbio agora aparecia sob a ponte ferroviária. Suas águas, como a vida, eram sempre iguais, sempre diferentes. Egon logo se sentiu à vontade para conversar com aquele

quase garoto que havia quebrado o silêncio naquele trem de atmosfera triste.

— Por causa delas fui para a cadeia em Neulengbach, antes da guerra — disse Egon, inflamado, mostrando ressentimento. — Consideraram o meu trabalho imoral. Agora, depois de todas essas vidas perdidas, quem sabe o mundo perceba que imoral é a guerra, imorais são os poderes que separam aqueles que se amam, imoral é a hipocrisia.

Wilhelm, um pouco surpreso, animou-se a continuar a conversa.



Os Profetas (Auto-retrato duplo)
1911 — Staatsgalerie, Stuttgart

— Se me permite um comentário, observo em seus quadros uma tensão muscular muito grande, principalmente nas figuras masculinas, que acredito representarem você mesmo.

— É, são realmente auto-retratos.

— E nestes outros você está duplicado — continuou Wilhelm. — Acho que o seu interesse em se auto-retratar, bem como esse espelho que se revela nas figuras duplicadas, remete ao seu pai. Acredito que também aí está revelado o mito de Narciso. Você deve ser muito voltado a si.

— Você tem razão — observou Egon com espanto. — Eu fui muito ligado a meu pai, que já morreu. Ele admirava o meu trabalho, e acredito que essa exibição exagerada da minha própria figura seja para compensar a sua falta. Onde você conseguiu essa habilidade de avaliar um perfil de comportamento por meio de um trabalho artístico?

— Tive contato na faculdade de medicina com um médico meio revolucionário, o Dr. Freud — respondeu Wilhelm, agora interessado em falar de suas próprias coisas. — Ele estuda o comportamento humano com base nas expressões do subconsciente, um conceito novo. Freud acha que o mistério da alma está nos dramas psíquicos da infância. Basta desvendá-los para chegar à paz mental. Ele ainda considera que os sonhos são manifestações desse inconsciente e que a arte, como os sonhos, origina-se no mais profundo Eu, capaz, assim, de revelar a alma. Eu me interessei muito por essa visão, mas também tenho minhas próprias idéias.

Egon estava muito surpreso diante dos novos conceitos de inconsciente e comportamento humano, que lhe eram agora inusitadamente ensinados.

— Mas você é muito jovem para dominar esse conhecimento — disse Egon.

— Essa é uma nova ciência — disse Wilhelm — e está sendo muito contestada. No entanto, acho que os jovens estão mais abertos ao novo e eu logo tive acesso à ela porque estudo muito, não perco muito tempo em farras e tolices.

— Veja estes outros retratos — disse Egon, agora mostrando aquarelas de nus femininos. — Não sou um maníaco por sexo, mas gosto de representar o corpo e o erotismo.

— Eu também trabalho com a sexualidade humana, e, pessoalmente, acredito que ela é o caminho para o subconsciente, o Id de Freud. Penso que os conflitos sexuais malresolvidos provocam tensão muscular, dores e doenças psíquicas e orgânicas. Posso ver essa tensão nos seus auto-retratos masculinos. Nos femininos, observo tensão em alguns e neste aqui observo calma, a calma da mulher com sua sexualidade e amor atendidos. Qual o nome lhe deu?

— “Mulher Sentada com a Perna Esquerda Dobrada” — respondeu Egon com um sorriso irônico, diante da obviedade do título.



Mulher Sentada com a Perna Esquerda Dobrada
1917 — Národní Galerie, Praga

A estação de Viena se aproximava, o trem já diminuía seu balanço. Todos aqueles que viajavam procuravam um novo pacto. O pacto necessário para a vida continuar depois do Armageddon inacabado. Novo pacto, que apenas mentes corajosas podem construir diante das crises do intelecto humano. O trem parou, a conversa entre Egon e Wilhelm não podia mais continuar. Aquele breve momento tinha

sido uma concessão do espaço e do tempo cósmicos, que se dobrou por um instante diante da energia do pensamento humano.

— Qual é seu nome? — perguntou Egon.

— Wilhelm Reich — respondeu o jovem. — E o seu?

— Egon Schiele — disse o pintor.

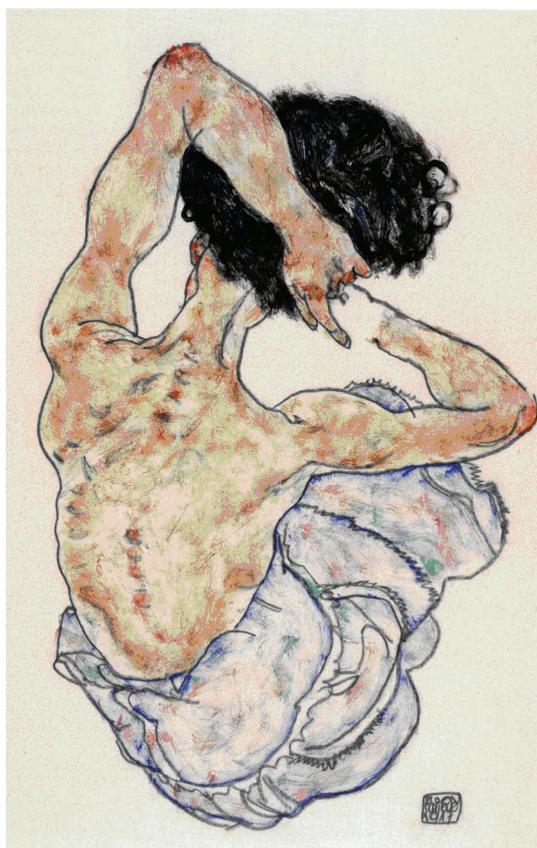
Com atenção, avisou:

— Lembre-se de que fui preso por pintar a sexualidade, tenha cuidado ao lidar com isso, você pode ter problemas.

Boa sorte!

— Adeus — disse Reich.

Assim, desceram do trem e enfrentaram seus destinos...



Nu Sentado Visto de Trás

1917 — Oberösterreichische Landesmuseen, Linz

Egon Schiele, pintor austríaco, foi, ao lado de seu mestre, Gustav Klimt, uma das maiores expressões da arte moderna mundial. Morreu nesse mesmo ano, 1918, em razão da epidemia de gripe espanhola. Três dias antes, havia morrido Edith, sua mulher e modelo de muitos trabalhos, também devido à mesma epidemia.

Wilhelm Reich, médico austríaco, foi, assim como Freud e Jung, um dos pioneiros da psicanálise. A sua teoria é a base da Bioenergética, uma técnica que ajuda o indivíduo a reencontrar-se com o seu corpo. Foi um dos maiores estudiosos da sexualidade humana. Considera que a expressão sensual é produtora de uma forte energia corporal, com reflexos em todo o funcionamento psíquico e orgânico do corpo. Morreu em 1957, na penitenciária de Lewisburg, Pennsylvania, EUA, onde cumpria pena pela divulgação de suas idéias sobre sexualidade.

Nota: Egon Schiele e Wilhelm Reich nunca se encontraram. Foram contemporâneos em Viena, mas Schiele morreu em 1918, enquanto o primeiro contato de Reich com Freud e a Psicanálise só aconteceu em 1919. Esta livre criação só pôde existir graças às asas que o ato de escrever nos oferece.

Miguel Francischelli Neto

Médico e Escritor

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo — **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] — Celso Carlos de Campos Guerra (*in memoriam*)
José Roberto de Souza Baratella — Rubens Sergio Góes — Rui Telles Pereira

Cinematca: Wimer Botura Júnior — **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.